

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2008

A MESTRIA DO POETA LÍRICO: NOTAS SOBRE HORÁCIO (6)

ODE 4.12

1. Texto

Iam ueris comites, quae mare temperant,
impellunt animae lintea Thraciae,
iam nec prata rigent, nec fluuii strepunt
hiberna niue turgidi.

Nidum ponit, Ityn flebiliter gemens, 5
infelix auis et Cecropiae domus
aeternum opprobrium, quod male barbaras
regum est ultra libidines.

Dicunt in tenero gramine pinguium 10
custodes ouium carmina fistula
delectantque deum, cui pecus et nigri
colles Arcadiae placent.

Adduxere sitim tempora, Vergili;
sed pressum Calibus ducere Liberum 15
si gestis, iuuenum nobilium cliens,
nardo uina merebere.

Nardi paruus onyx eliciet cadum,
qui nunc Sulpiciis accubat horreis,
spes donare nouas largus amaraque 20
curarum eluere efficax.

Ad quae si properas gaudia, cum tua
uelox merce ueni; non ego te meis
immunem meditor tinguere poculis,
plena diues ut in domo.

Verum pone moras et studium lucri,
nigrorumque memor, dum licet, ignium
misce stultitiam consiliis breuem:
dulce est desipere in loco.

25

2. Tema

É tempo de Primavera. Tempo em que os campos reverdecem em tons suaves e delicados, perdida a aspereza que neles deixavam, durante a invernia, gelos e geadas; tempo de brisas ligeiras e benfazejas, que a elas cedeu lugar a força de vendavais; tempo de águas mansas e calmas, que as neves e o degelo já há muito deixaram de fazer inchar as correntes de rios e ribeiros; tempo de cantos, também – cantos de andorinhas, tristes, é certo, por força da sua condição, mas cantos que retornam depois de longa ausência, e cantos de pastores, que voltam, com seus gados, às pastagens, entre amores e folguedos.

É tempo de contentamento, portanto, e tempo de beber. Consigo traz a Primavera uma sede renovada, o desejo de procurar na adega vinhos especiosos e fazê-lo jorrar com a luz, com a música, com a alegria. Há espaço, mesmo, para o humor e a ironia: vantajoso será o investimento - um vaso de nardo por uma boa taça, pois não será o poeta dado a generosidades em excesso.

É tempo, enfim, de devaneio; o que é filho da alegria, o que do ambiente nasce, o que o vinho faz brotar.

Esta é, pois, uma ode onde se entrecruzam várias das linhas de força da poesia horaciana: uma ode à Primavera, com os elementos que desenham, por via de regra, os primaveris quadros em que o poeta é reincidente – a luz, a água, o viço da natureza, a música; uma ode à alegria e, em especial, ao vinho e ao prazer que dele pode fruir-se; em suma, uma ode à festa da vida. Mais hedonista do que muitas outras, é verdade; mas, sublinhe-se, sempre no espírito de comedimento e moderação tão típicos de Horácio.

3. Estrutura

O poema apresenta duas partes rigorosamente simétricas, como em diálogo entre si, seguidas de uma conclusão que, no fundo, para ambas remete. Vejamos:

De 1 a 3 (versos 1 a 12), retrata-se a Primavera, a memória das neves que se esvaíam já, o verde a tomar conta da paisagem, os rios aliviados da

força das águas do degelo e a correr, sem sobressaltos, dentro das suas margens.

De 4 a 6 (versos 13 a 24), celebra-se o prazer do vinho: é tempo de beber. Esse é o apelo ao amigo, Virgílio (pode tratar-se ou não do poeta), a que se juntem, ambos, em pequeno festim, para o qual dará cada um seu contributo: ele, poeta, o vinho colhido na adega; o outro um vaso de nardo.

A estrofe 7 (versos 25 a 28) conclui com um apelo ao prazer, ou melhor, à fruição do tempo presente. Incerta como é a vida (e mais incerto, ainda, o futuro), há que aproveitá-la. Os dois versos finais são bem o espelho da moderação horaciana, ao recomendarem, em doses equilibradas, a mistura do bom senso com o devaneio.

4. Notas

Iam... iam – sublinhe-se a anáfora, articulada, no v. 3, com uma outra (*nec... nec*). No primeiro caso, o que pretende afirmar-se é a chegada de um outro tempo, assim se marcando uma fronteira precisa entre o presente eufórico e o passado penoso; a negativa, igualmente de carácter anafórico, *nec... nec* sublinha a irreversibilidade desse mesmo passado.

Veris comites – os ventos suaves, bem menos agrestes que os de Inverno, logo a seguir chamados *animae*, isto é, “brisas”. Há um certo contraponto entre as velas inchadas pelos ventos de Primavera e a corrente impetuosa dos rios, durante o Inverno.

Nidum ponit... é frequente, em Horácio, este trânsito do mundo real para a mitologia. A Primavera traz consigo as andorinhas, neste caso identificadas com a personagem mítica a que estão ligadas, Procne. Depois de matar o filho, Ítis, dando-o a comer, num acto de vingança, a seu marido, Tereu, que a traíra, Procne foi transformada em andorinha, a fim de escapar à fúria dele.

Cecropiae domus opprobrium – Procne era descendente de Cécrops cujo nome envergonhou, em virtude da sua acção desumana.

Male barbaras – a colocação de ambas as palavras lado a lado sublinha a condenação de ambas as acções: a de Tereu, que traiu Procne com a própria irmã dela (*barbaras libidines*) e a de Procne, pelo carácter hediondo da vingança (*male*).

Dicunt in tenero... regresso ao mundo pastoril: *dicunt carmina custodes ouium pinguium in tenero gramine*. Palavras que remetem, todas elas, para a dimensão de fecundidade da Primavera – o gado gordo, porque a relva está mais aprazível e é mais abundante, os pastores alegres.

Deum – Pã, o deus dos pastores.

Nigri colles – sombrias (e não propriamente negras).

Vergili – provavelmente o poeta Virgílio, com quem Horácio mantinha relacionamento e que menciona em outros poemas. Se assim for, os *iuuenum nobilium*, logo abaixo, poderão ser Augusto e Mecenas, ambos mais jovens do que Virgílio e cujo círculo ele poderá ter frequentado.

Liberum pressum Calibus – vinho de qualidade. A sugestão que resulta é a de que Virgílio frequentaria, por via de regra, casas ricas, com hábitos requintados. *Clients*, de facto, é aquele que frequenta o círculo de um cidadão abastado, normalmente um aristocrata de prestígio, que se valia do número dos seus *clientes* para afirmar esse mesmo prestígio.

Nardo uina merebere – uma espécie de troca de prazeres: vinho por perfume. A frase é, obviamente, irónica, como se, em vez de convidar o amigo para uma festa, o estivesse a convidar para um negócio.

Paruus onyx eliciet cadum – há uma certa ironia no contraste, entre o pequeno frasco de perfume que substitui um vaso de um bom vinho. Sublinhe-se o condão do vinho: alimentar esperanças e fazer diluir cuidados (*spes donare nouas et amara curarum eluere*).

Sulpiciis horreis - decerto a adega de um reputado comerciante de vinhos.

Tua merce – mantém-se a ironia a que atrás se fez referência. O amigo é insistentemente convidado a trazer consigo a sua paga para a festa. O sentido humorístico do poema acentua-se, aliás, nos versos seguintes: *non ego te meis / immunem meditor tinguere poculis* (“não faço tenção de te encharcar de graça, com minhas taças”). A expressão é tão agreste que não pode ter outra interpretação que não seja a da ironia.

Plena diues ut in domo – evoca os *nobiles iuuenes* de que o conviva Virgílio seria *clients*. A ironia mantém-se: em casa de Horácio, ao contrário do que sucederia nessas outras festas mais abastadas que o amigo teria o hábito de frequentar, os convivas deveriam contribuir com a sua quota parte.

Nigrorum memor ignium – um dos temas predilectos de Horácio, presença constante na sua obra – a lembrança permanente da morte, ou melhor, de que a vida é breve. As chamas negras são as da pira fúnebre.

Misce stultitiam consiliis breuem – um preceito algo estranho no poeta, se o entendermos como um convite ao hedonismo. A verdade, porém, é que *misce*, que junta *stultitiam* e *consiliis*, é, em si mesmo, um apelo à moderação e uma recusa dos excessos. O verso final, de resto, chave de todo o poema, é esclarecedor: o que se exprime não é um incentivo ao

desregramento, mas um convite, na esteira do *carpe diem*, a um certo abrandamento no ritmo e na dureza do quotidiano. *Dulce est desipere in loco* significa isso mesmo: ocasionalmente, não se deixar governar por excessos de bom senso, pode ser aprazível.

5. Tradução

- Já os companheiros da Primavera, que trazem calma ao mar,
as brisas da Trácia, impelem as velas,
já os prados não enrijecem do frio nem os rios ressoam
inchados pelas neves do Inverno.
- Faz o seu ninho e solta prantos e queixumes por Ítis, 5
a ave triste e vergonha eterna
da casa de Cécrops, por com mão terrível se ter vingado
das bárbaras paixões dos reis.
- Entoam cantos, na relva macia, ao som da flauta,
pastores de ovelhas bem nutridas 10
e encantam o deus a quem os rebanhos
e as sombrias colinas da Arcádia são aprazíveis.
- Trouxe o tempo a sede, ó Virgílio;
mas se a bebida de Líbero, pisada em Cales,
tens pressa de a beber, ó cliente da jovem nobreza, 15
terás de comprar o vinho com o nardo.
- Um vasito de nardo há-de pôr cá fora um jarro
que, por agora, repousa nos depósitos de Sulpício,
generoso a acalentar novas esperanças e, a apagar o azedume
dos cuidados, eficaz. 20
- Se tais prazeres tu buscas, vem, rápido,
com tua paga; não faço tenção de te encharcar
de graça, com minhas taças,
como se fora rico e em casa abastada.

Mas põe de parte a tardança e o afã do lucro, 25
lembrado das chamas de negrume, enquanto te for consentido,
e mistura uma breve loucura com bom senso;
sabe bem perder o juízo, nessa hora.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ